

ILUSTRACAO



PORTUGUEZA



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 cív.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre..... 2\$60 cív.
Semestre..... 5\$00 "
Ano..... 10\$00 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Sacramento, 43 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

Consultorio Psico-magnetoterápico

Tratamento das doenças **organicas, nervosas e mentaes** pelo **MAGNETISMO FISICO** e pela **PSICOTERAPIA**, auxiliados pelos **meios fisicos e regimens naturais**, com a **completa exclusão** de medicamentos ou drogas.

Os que estão pois desenganados, cansados de sofrer e que perderam toda a esperança de curar-se, lembrem-se que os meus especiais tratamentos Psico-fisico-magnéticos e dietéticos os pode salvar e restituir-lhes a saúde por mais antigos e graves que sejam os seus padecimentos.

Dr. Indiveri Colucci

T. C. JOÃO GONÇALVES, 20, 2.ª, Esq. — Esquina A, Almirante Reis (ao Intendente).

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a \$600, 10\$00 e 15\$00.

NEGOCIOS com a INGLATERRA

"Casa estabelecida em 1907"

- Secção de Comissões** dedicada á compra e venda de mercadorias e em geral por conta de terceiros.
- Secção de Importação** fazendo uma especialidade nos productos Portuguezes e Brasileiros de toda a especie.
- Secção de Exportação** dá preços cif. qualquer porto sem mais despesas para qualquer artigo de procedencia Britanica.
- Secção de Seguros** Coloca em condições vantajosas estes contra GREVES e TUMULTOS no Lloyd Inglês.

A. GUERRA & Co.

38a, King William Street — LONDRES E. C. 4.

ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
O VINHO XAROPE **DESCHIENS** (PARIS)
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

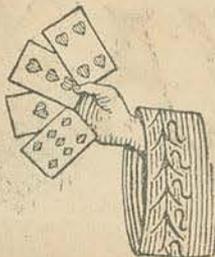
TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas oficinas da

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 contavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Clamo da Rua d'Alegria, predio esquina).

Lavol

Quando se lava a pelle com o potente fluido Lavol, immediatamente desaparece a comichão desesperadora e a dôr irritante. Este maravilhoso liquido é o mesmo que os famosos doutores de Brazil estão usando na actualidade com grande successo. Feridas de apparencia desagradavel, escamas e feias erupções desaparecem dentro de uma semana.

Vende-se em todas de principaes drogerias e pharmacias.

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO DA FONSECA
LISBOA, 237-10 Rua da Prata

LORTO, Rua Passos Manuel, 63

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 781

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1921

20 Centavos

Cronica da Semana

TODOS os anos se diz que o Carnaval decorren menos divertido do que o dos anos anteriores, mas nunca, como agora, essa afirmação foi mais exacta. Estamos em vespéras dos dias consagrados aos folguedos, como desabafo de muitas arrelias e recompensa de muitas tristezas, e não ha o minimo sinal de que o povo esteja disposto ás loucuras dos tempos afastados, nem mesmo ás moderadas expansões dos ultimos entrudos; e, a acompanhar o sentimento popular, as autoridades policiaes mostram-se, como se vê pelo respectivo edital, mais rigorosas e compressoras que de costume.

Não era, afinal, necessario que assim se mostrassem; uma causa imperiosa obriga toda a gente á abstenção que se prevê, qual é a do custo excessivo, quasi prohibitivo dos artigos carnavalescos, dominós, mascaras, bisnagas, etc. etc. Estas ultimas, especialmente, dir-se-ia que em vez de conterem agua, pura ou impura, contem ouro em pó; só millionarios poderão dar-se ao luxo e ao prazer de enxarcar o proximo, bisnagando-o, tal o preço a que chegaram tais artefactos, d'antes ao alcance de todos. Assim, o espirito mais folião acobarda-se e desiste do encanto de arreliar as velhas mada-mas esguichadas e de ouvir os gritinhos assustados e acolhedores das novas, enxugando os melindrosos colos, com receio d'algum impertinente defluxo. Mas, dirão os teimosos de divertimentos, não haverá maneira de substituir, sem grande sacrificio, o classico artigo de carnaval por outro que produza os mesmos efeitos, isto é, por um objecto que possua os requisitos da economia, da innocencia e da sujudade, porque o que tem imensissima graça n'esta epoca é sujar o nosso semelhante sem o ferir nem gastar muito dinheiro? Ha: as cedulas de dez e cinco centavos, que emporcalham abundantemente, são, na apparencia, inofensivas e estão por um preço verdadeiramente ridiculo. Arremessem-se aos centos nas ruas do «corso», nos teatros, nos bailes, e o Carnaval d'este ano ficará memoravel nos anais da pandega nacional, d'outro modo arriscada a uma infeliz interrupção.

MAIS uma vez um amigo muito intimo chama a nossa atenção para as impropriedades que se ouvem e que se lêem e mais uma vez vamos fazer-lhe a vontade, porque os prejuizos tambem nos tocam por casa, sobretudo quanto ao que se escreve nos livros escolares; alguém—um pequenino alguém que muito amamos—vê-se obrigado a prodigios de raciocinio para encontrar o verdadeiro sentido de varios ditos com que a pedagogia tenta ilustra-lo.

Aqui temos um livro destinado á instrução primaria, já na 11.ª edição, encerrando, segundo a capa, noções

de aritmetica, sistema metrico e geometria «em perfeita harmonia com o programa official» e destinado á 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes. N'ele não foi esquecido, como era natural, o dinheiro portuguez, tanto o do antigo como o do novo regimen, e a proposito insere a seguinte nota, depois de se enumerarem as velhas moedas de cobre, níquel e prata: «Tambem tem curso em Portugal duas moedas inglesas de ouro, chamadas libras, que tem o valor «fixo» de 4\$500 réis, e meia libra, que tem o valor «fixo» de 2\$250 réis.»

Vê-se que o autor não se preocupou com a questão cambial...

E aqui temos um livrinho de gramatica pratica da lingua portugueza, destinada á 1.ª, 2.ª e 3.ª classes do curso geral dos licencs e escolas congéneres, no qual se explica ás criancas, nos seguintes termos, o que são substantivos «concretos» e «abstratos»: «Os substantivos «arvore», «tinteiro», «caneta», «lapis», «banco», chamam-se CONCRETOS, porque querem dizer coisas que nós vemos, em que nós podemos tocar; os substantivos «generosidade», «lembrança», «amizade», chamam-se substantivos ABSTRATOS, porque querem dizer coisas que nós não podemos ver, em que não podemos pegar.»

Assim é, quanto ás palavras referidas, mas exposta a doutrina d'este modo, não se admire quem escreveu o livro (aliás excelente para auxiliar os bons professores) se algum discipulo lhe responder como respondeu ha dias um pequerrucho quando, depois de ter lido a explicação transcrita, lhe pedimos que nos desse um exemplo de substantivo abstrato:

—O fundo do mar.

—Essa agora! Por quê?

—Porque não o podemos ver nem lhe podemos tocar.

Parece-nos que a responsabilidade do dislate não cabe inteiramente a quem o pronunciou.

CHAMAMOS a atenção dos que ainda amam as bellas letras n'esta hora de prosa, para as seguintes delicias quadras do livro «Aguá da fonte» agora publicado, de que é autor o joven poeta Tomaz Ribeiro Colaço, filho e neto de illustres artistas:

*Canigas leva-as o vento!
Mas não ha vento capaz
De levar estas canigas
Para o sítio em que tu estás.*

*Amor puro e sem maldade,
Apenas amar pretende.
Quantas coisas ha no mundo
Que o mundo não comprehende!*

Acacio de Paiva



CARNIVAL

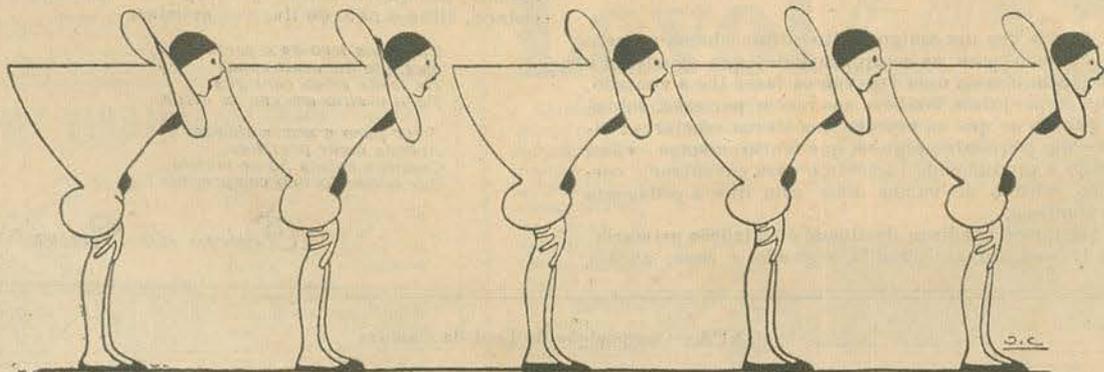
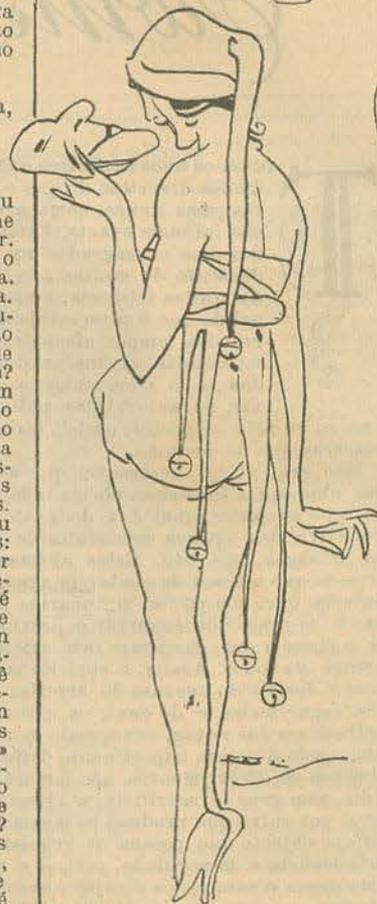
—Afinal o que é o Entrudo?—pergunta-va-me hontem uma encantadora rapariga de vinte e tres anos, muito alegre, muito viva, muito fresca na sua saia curta e no seu ar de rapaz.

—O Entrudo, meu amor, é a vida... Ela fitou-me com os seus olhos de boneca, fez uma boquinha de espanto e murmurou apenas: — Não diga tolices.

Pedi licença para acender um cigarro e continuei: — Pois não acredita? Ora oiça. Sabe que o Entrudo existiu sempre. Nasceu com o primeiro homem e posso afirmar-lhe que morrerá apenas com a ultima mulher. Porque afinal a vida é uma caricatura e o Entrudo não é senão a caricatura da vida. Nunca tinha dado por isso? Não admira. Você tem vinte e tres anos. Depois as mulheres só se preocupam d'aquilo que não interessa a ninguem. Vamos, diga lá. O que somos nós? Mascaras eternas, não é assim? O seu sorriso vale bem o «loup» de setim preto da Colombina. O meu orgulho é pelo menos tão grande como o nariz vermelho de Polichinelo. A vida, minha amiga, é uma «camouflage»: é apenas dos que se mascaram. Juro-lhe, com as minhas mãos nas suas e com os meus olhos nos seus.

E o amor então? Mas esse é como o seu vestido azul chegado ha dias de Paris: uma coisa que se usa para aparecer aos outros. E veja lá se é capaz de negar que o seu vestido Paquin não é uma mascara adoravel? Lembra-se d'aquela frase de Voltaire—«pour bien jouer le Carnaval il faut avoir le diable au corps»? Ah! sim. Você não lê Voltaire. Pois esta frase, minha senhora, foi escrita para a vida. Fica bem a letra vermelha na coleção de sermões do padre Antonio Vieira. Faça «blague» —dirá você. E o que é o Entrudo—senão uma «blague» de Arlequin? E o que é a vida—senão uma «blague» de Deus? Que o Carnaval tem mudado? Não tem. O que tem mudado — somos nós. Ele é apenas o nosso espelho. E, quer ver. O mais interessante é que sendo isto tudo uma mascarada, é precisamente n'estes dias de Carnaval que a humanidade deixa discretamente cair a mascara...

Luis d'Oliveira Guimarães.





GARRETT

NA

CARICATURA



por
Henrique de Campos Ferreira Lima

Garrett por C. Craveiro e Saavedra Machado



Garrett. Caricatura moderna de uma revista coimbrã.



este um aspecto sob o qual o grande escritor ainda não foi, até agora, considerado. Vamos nós fazel-o apenas com a com-

petencia derivada do facto de possuirmos uma abundante coleção garreteana, em que se podem ver muitas caricaturas de Garrett, algumas das quaes aqui se reproduzem. E' mais um modesto tributo de homenagem ao

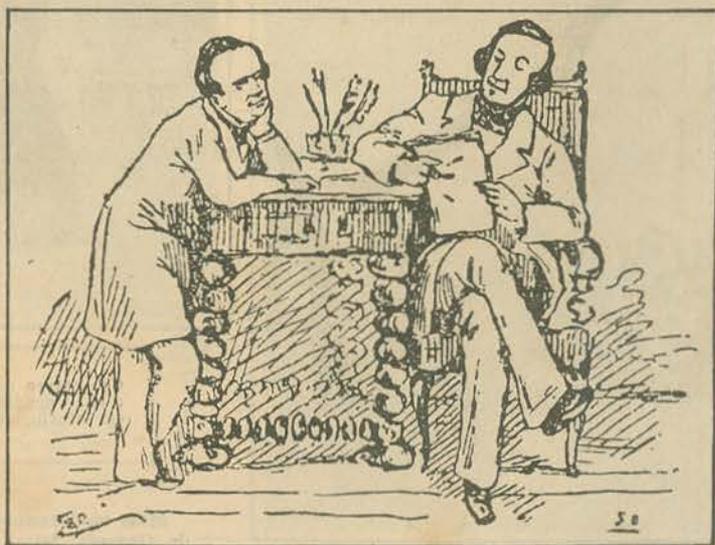
poeta,

pois, conforme diz Ricardo Cordeiro no «Calcanhar de Achilles», celebre album de caricaturas do primeiro caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro: «A caricatura, de ordinario, se intuitos benevolos a inspiram, é uma explicita manifestação de homenagem aos talentos festejados pelas simpatias geraes».

As mais antigas caricaturas de Garrett, que conhecemos, vieram n'um suplemento, «Galeria pitoresca», a um jornal politico cabralista: «A Matraca», periodico moral e politico por uma sociedade de literatos sem refolho», (1847-1848). N'esta epoca andavam acesas as luctas entre cabralistas e patuleias e este jornal é um reflexo da linguagem despejada da epoca. Ali se lê a seguinte apreciação acérca de Garrett:

«Tem representado to-

das as scenas possiveis. Foi cartista emquanto houve quem quizesse que ele o fôsse; passou a ser setembrista; depois ordeiro; em 1840 immortalou-se com um discurso que fez no Parlamento, para provar a necessidade de se suspenderem as garantias, para o que veiu a historia do louco do «Porto-Pireu», (os setembristas que lh'a agradeçam) — mas diz-se que o belo discurso, todo cheio de chiste e graça, não foi «obra de graça»: o sr. Garrett e mais alguem, é que pôde saber a verdade. Ora como o sr. Garret nasceu com a bossa de andar aos fretes é agora um dos principais carregadores do andar (todo guarnecido de madeira do ar) da coligação anglo-setem-burra.» Ao mesmo tempo outro jornal «O Nacional» (politica patuleia), assim se referia a Garrett: «E' o orador por excelencia; escritor consumado, liberal decidido desde a sua infancia, constante advogado dos direitos do povo e que fôra na tribuna o flagelo dos cabraes».



Garrett lendo ao actor Sargedas uma das suas obras teatrais. (Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro no livro de Julio Cesar Machado «Os teatros de Lisboa.»)



Representa esta ultima Garrett e a Viscondessa da Luz (D. Rosa Montufar Barreiros), inspiradora das mais belas poesias das «Folhas caídas», olhando-se encantadamente. N'uma das primeiras vêem-se Garrett, Rodrigo da Fonseca, Conde das Antas e outros personagens.

Caricatura da «Galeria pitoresca», suplemento ao jornal «A Matraca», de 1847-48.

São três as caricaturas, d'autor desconhecido, que vêm na tal «Galeria»: duas políticas e uma de assunto mais intimo e da vida particular de Garrett.



Garrett felicitando o escritor Eduardo Sequeira pelas «brilhantes» festas que lhe promoveu no Porto, em maio de 1902. (Caricatura do jornal portuense «A Algazarra».)



Caricatura de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro n'«A Parodia», a propósito da reforma do Conservatorio, de Hintze Ribeiro.

Mais modernamente aparecem outras caricaturas de Garrett, feitas pelos nossos principais artistas no genero. Em 1875, o curioso livro de Julio Cesar Machado, «Os theatros de Lisboa», traz uma carica-

tura de Rafael Bordalo Pinheiro, figurando Garrett a lér as suas obras ao actor Sargedas.

Ainda d'este distincto artista inseriu o «Antonio Maria», de 1892, uma caricatura com a seguinte legenda: «Foi muito mais entusiastica a consagração do burro (O burro do sr. Al-



Garrett e a Viscondessa da Luz. (Caricatura da «Galeria Pitoresca», suplemento ao jornal «A Matraca», de 1847-48).

Leal da Camara apresenta uma caricatura de Garrett no jornal «O Inferno» (1890), de que apenas saíram dois numeros. Tendo havido, em 1901, uma refor-



Vasco da Gama dizendo á cidade de Lisboa, a propósito da entrada de Garrett nos Jeronimos: «Mais vale tarde que nunca, senhora Lisboa...» (Caricatura de Jorge Colaço, n.º «O Seculo-Suplemento humoristico», de 1905).

caide») no Avenida, do que a de Garrett em D. Maria. D'onde se conclue que o nosso publico é muito mais propenso para burros do que para Garretts. O burro é mais pratico».



Caricatura de Garrett, por Rafael Bordalo Pinheiro, no «Antonio Maria».



Caricatura de Garrett, por Leal da Camara, no 2.º numero do jornal «O Inferno» de 1898.



Garrett entrando nos Jeronimos pela mão do Conde de Valenças. (Caricatura do jornal «A Parodia».)

ma do Conservatorio, referendada por Hintze Ribeiro, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro publica uma caricatura alusiva na «Parodia». Ainda n'esta revista, de 1903, aparecem as caricaturas de Garrett e do Conde de Valenças, a proposito da trasladação d'aquelle para os Jeronimos. Em 1903, tendo-se realisado esta trasladação, publica Jorge Colaço uma caricatura alusiva no «Suplemento Humoristico do «Seculo». No Porto, em 1902, realisaram-se diversas festas, cujo producto era destinado ao monumento a Garrett. Os jor-



Caricatura alusiva á Maria da Fonte, da «Galeria pittoresca», suplemento ao jornal «A Matraca», de 1847-48.

nais humoristicos d'aquella cidade troçaram. na occasião, d'essas festas pelintras. A «Algarra» publicou, então, uma caricatura de Garrett, felicitando o falecido Eduardo Sequeira, um dos principais promotores das festas, pelo «brilhan-tismo» da celebração.

Saavedra Machado tambem fez a caricatura do grosso poeta.

Por esta rapida e singela enumeração se vê, que os mais consagrados caricaturistas portuguezes empregaram o seu lapis na caricatura do «divino», como no seu tempo chamaram a Garrett.

MORTOS ILUSTRES *Gomes Leal*

GOMES Leal, poeta ilustre entre os ilustres, acaba de falecer na Rua do Telhal, em casa do seu amigo Ladislau Batalha, com 72 anos de idade. O autor ilustre de algumas das mais belas paginas das letras portuguezas finou-se sem agonia, suavemente, com o poeta, e ao seu enterro concorreram alguns dos nossos grandes nomes literarios. O enterro foi custeado por «O Jornal», órgão das empresas jornalisticas em greve forçada e o cadaver do grande poeta ficou depositado no Cemiterio do Alto de S. João, em jazigo municipal, á beira do qual falaram muitos oradores. Que repouse em paz o grande e desditoso poeta!



Gomes Leal no seu leito de morte



O prestito funebre subindo a rua do Telhal



A caminho do cemiterio



O enterro de Gomes Leal. Os estudantes e o carro funerario na Rua Moraes Soares.

FIGURAS & FACTOS

A COMEMORAÇÃO DO 31 DE JANEIRO MORTOS ILUSTRES



No Centro Dr. Magalhães Lima. Sessão solene de homenagem e inauguração do retrato do alferes Martins, morto em Monsanto.



O sr. dr. Magalhães Lima, a comissão e oradores.

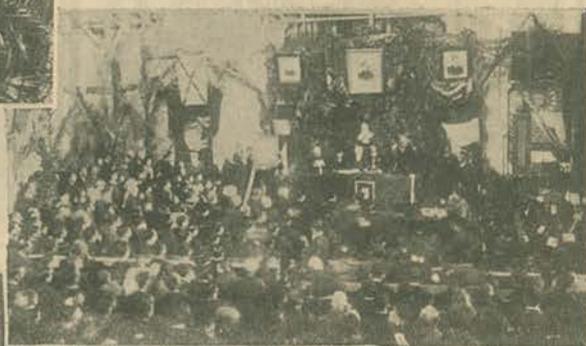


Grupo de crianças no quartel do Carmo.

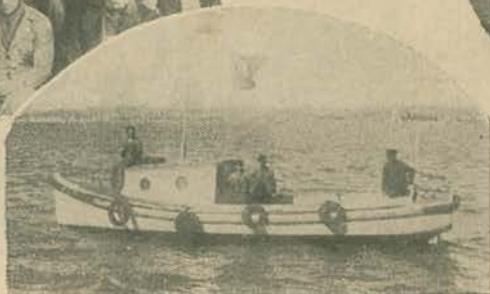
No quartel do Carmo a mesa de distribuição do bode professores.



No quartel do Carmo: A comissão paroquial republicana do



A Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa que lançou à água a sua 4.ª lancha a gazolina. A direcção da cooperativa em Porto Brandão. A nova lancha a gazolina da Cooperativa dos catraeiros.



Sacramento, que promoveu a festa e bode às crianças, realizada no quartel do Carmo. — A sessão solene no Centro Magalhães Lima.



O escritor sr. João da Rocha, secretario do sr. Presidente da Republica, que faleceu victimado por uma síncope cardíaca.

CARNAVAL

POR

MANUEL

CARRUSCA



OMO estás encantadora filha!

—Não o sabia lisonjeiro, meu pae,— retorquiu Efigenia, sem se voltar, e agitando um colar de esplendidas perolas no seu colo de garça.

O velho conde reclinou-se mais no amplo confortavel de couro e de olhos meio cerrados, coçando a barba bem cuidada, sorriu satisfeito. E Efigenia, toda galante, com a gaiatice dos dezassete anos rindo nos lindos olhos negros, pavoneando-se no seu traje pitoresco de pastorinha de Watteau, passeou pela sala para que o pae a visse bem, meneando o corpo em ondulações donairosas.

Estava na realidade encantadora!

O traje de opulento setim, de côr sombria, fazia realçar magicamente, no busto pequenino e estrangulado n'um coletinho negro, a brancura impolta do decote. Os cabelos loiros, muito loiros, mesmo doirados, que ella não empoara proposadamente, emolduravam-lhe o oval perfeitissimo do rosto, n'uma aureola de celestial candura.

E que radiosa alegria lhe fulgia no olhar!...

Efigenia, n'essa noite, sentia-se feliz, palreira: tomava a irresistivel desejo de dar largas á intensa alegria que lhe ia na alma, desejo de cantar, de dansar, de rir...

Não se sentava nos jelhos do pae, pulando e rindo como um bébé contente, certamente para não amarrutar as rendas e setins do garrido costume, pois que a sua vontade era cobrir de beijos, de caricias, aquelas faces austeras e as mãos venerandas que lhe tinham proporcionado a grande alegria d'aquella festa.

Festa de Carnaval e festa dos seus anos, porque ella completava dezassete anos n'esse proprio dia, dupla festa em que os salões do conde resplandeceriam de luz, de brilho, de côr e de bulício.

Seria ella a rainha da noite...

Quando passasse, na sua graça palpitante, por entre as alas dos convidados, no baile «masqué», veria curvar-se reverente e humilde, toda a turba multicolor dos seus vassallos, rendendo-lhe homenagem.

Impaciente do triunfo, Efigenia, apressadamente deante do espelho do tocador, deu os ultimos toques no penteado, e o conde levantando-se, alison as rugas da calça com a mão enluvada e disse:

—Vamos?!...

Efigenia pôz n'um momento a mascarilha de seda negra, através da qual fulgiam, como dois astros, os lindos olhos; lançou uma ultima vista ao espelho, e, enquanto a costureira lhe agitava

uma prega da saia, tomou o braço do pae e respondeu: —Vamos...

Noite de Carnaval, noite de loucura...

Nos vastos salões do conde, que rebrilhavam na magia de centenares de lumes, premia-se uma multidão garrida e despreocupada, que ria, gargalhava, na alegria dupla de uma dupla festa.

Maria Stuart, pelo braço de Pierrot, abafava no leque as risadinhas que Pierrot provocava, segredando-lhe misteriosas e perfumadas frases, e arrastava a magestosa cauda roçagante, n'um magestoso donaire. Mefistofeles e Colombina, Arlequin, Polichinelo, um faustoso rajah do Oriente e Scheerazade formavam um ruidoso grupo. Na loucura vertiginosa de um bailado, uma extensa fila de pequeninos gnomos percorria os salões, coleando por entre os grupos de mascarados, envolvendo-os, arrastando-os em mil roscas de serpente dançando em seu redor. Na sua farda recamada de oiro, um marechal do Imperio galanteava uma «luzir» misteriosa; uma gitana de tranças negras revelava o futuro a um doge de Veneza.

E a pastorinha de Watteau?

Era bem a rainha da noite: a um canto do salão azul, junto de um riquissimo bufete narchetado, Efigenia recebia o preito de homenagem de um galante cortezão de Luis XV, de meias côr de pérola, de bofes e punhos de rendas de Malines, de cabeleira empoada.

Deslisava-lhe nos labios um sorriso de vaidade satisfeita, e através da mascarilha de seda os lindos olhos fulgiam.

Nos seus cabelos, no decote, estavam suspensas petalas de rosas, petalas

de dalias, da chuva de flores e de pó de oiro, com que os salões se tinham inundado á sua entrada, num triunfo, n'uma apoteose que a deslumbrava.

Nunca os seus anos tinham sido tão esplendidamente festejados como naquella noite de Carnaval. Nunca se sentira tão feliz, nunca se sentira tão alegre, nunca se sentira tão... condescendente.... Sim, condescendente, porque ella nessa noite condescendia com o garboso cortezão de Luis XV, e complacientemente, tirando a luva, deixou que elle lhe beijasse, num beijo longo, a mão de neve, enquanto através da mascarilha de seda os olhos se lhe fechavam num espas-



mo... O seu corpo franzivo pesou mais sobre o bufete marchetado a que se encostava, mas ela depressa reagiu, e passando pela frente a mão descalça da luva, sorrindo murmurou:

—Sonhei?...

E o esbelto cortezão, oferecendo-lhe o braço, de modo que só ela ouvisse, segredou-lhe:

—Sonhamos...

Trez horas da madrugada. O baile, em plena animação, decorria numa loucura de bulício. A orquestra fazia ouvir um sacudido Jazz-hand. Dezenas de pares volteavam, entrechocavam-se e riam; nuvens de pó de oiro andavam pelo ar esmorecendo as luzes, e até as fardas dos creados, que severos, erectos como estatuas, se conservavam ás portas, se achavam cobertas de pétalas de flôres.

O velho conde retirára-se a uma janela a fim de respirar o ar fresco da madrugada e aliviar o peito oprimido. E olhando o baile, olhando o perpassar volteante dos pares na doideira do Jazz-hand, ao vêr a filha arrastada pelo cortezão de Luís XV, também no turbilhão, meneava a cabeça, e murmurava como Rousseau:

—Oh mocidade, primavera da vida...

O seu amigo, o doutor Z..., veio interrompê-lo:

—Explendida festa, conde! Inolvidável noite de Carnavall!

—Estou cansado doutor; estas festas não são já para os meus sessenta anos... Faz-me mal esta alegria, este bulício... Entonteco no meio desta loucura...

—Pois conde, eu vinha convidá-lo para vir comigo dar uma volta pelos salões... Verá como lhe faz bem! A alegria, quando vista de longe, entristece, mas vista de perto, pega-se-nos, apossa-se de nós... Verá como fica melhor... Venha, conde...

E passando o braço pela cintura do seu amigo, o doutor Z... levou-o novamente para os salões.

Combudo o conde não estava bem, abrazava, sufocava, via tudo vermelho, tudo á tremer...

—Voltemos para a janela, doutor...

—Vamos então, meu amigo... Mas... que tem?!...

O doutor Z... assustou-se; o semblante do conde decompunha-se rapidamente, roxo, congestionado, os olhos esgazeados, a boca torta entreaberta, espumando e deixando pender a lingua sem movimento.

Escorregou pesadamente para o chão e o doutor tomando-o nos braços possantes, levou-o para um divan de veludo azul.

Parou o turbilhão do Jazz-hand

Os pares acorreram... e era grotesco vêr-se o moribundo agonizante no meio daquela turba de mascarados.

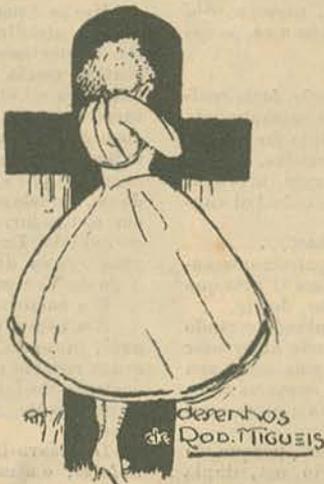
Efigenia, assombrada, pôz sob o colo a cabeça veneranda do pae: já não fazia mal que se amarrotassem as rendas do seu traje garrido.

O doutor, debruçado sobre o peito do velho conde, escutava...

Levantou-se e... nada disse...

Todos perceberam.

Efigenia ergueu os olhos ao céu, tomou a mão do morto e beijou-a longa e silenciosamente, enquanto de debaixo da mascarilha de seda, que nem sequer tirara, começavam caíndo as lagrimas da desolação, perolas que se juntavam ás perolas magníficas do seu collar...



VIDA MUSICAL



Antonio Lamy da Costa Reis

No Conservatorio Nacional de Musica completaram o curso de violino os irmãos Antonio Lamy da Costa Reis, de 18 anos e Pedro Lamy da Costa Reis, de 17. Alunos distintos são dois valores a contar na nossa futura vida musical. Os irmãos Costa Reis, que foram estudantes applicadissimos, são devotados artistas que á Musica consagram todo o seu tempo e todo o seu labor. Lançados na vida, com a carta de curso, é de crer que breve se distingam e rapidamente consigam triunfar. De resto, não são tantos os artistas nesta epoca de cruas realidades e egoismada tragedia, que não seja justo saudar o aparecimento dos astros que despontam.



Pedro Lamy da Costa Reis

O "PARSIFAL"

EM
S. CARLOS

TRIUNFO! O desigual mas soberbissimo drama sacro do «maestro» Wagner marcou-se como um belo acontecimento inaudito nos anaes aureos da nossa Opera.

Louvores sejam dados á fina competencia de Oliveira Pires e Cecil Mackec, habeis directores. Prescinde-se de orar em Bayreuth! A magnificencia

harmonica da "musica do futuro" encontrou um perfeito presente em S. Carlos: orchestra, cantores, scenario e indumentaria. O publico delirou, contente. Sem "snobismo"! E este pouco, que o espaço forçou a contrair, diz toda a verdade,— resumindo todas as impressões— unanimes no entusiasmo de prece e satisfação geral.— *J. P.*

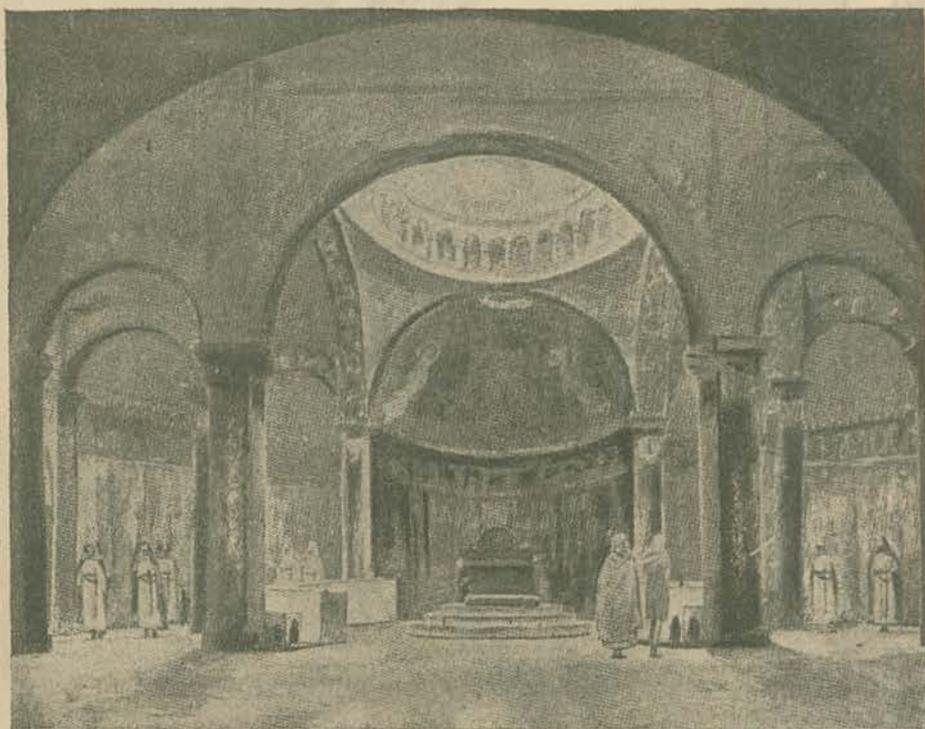


1. A soprano *Maria Linaer*, que faz de agente da felicidade. (Aliou á belesa das unhas a percepção dos sentimentos e do canto. Uma estetica «kundry»)

2. O tenor *Rouselière* no papel de *Parsifal*. (Cantou com brio e representou com força).

3. As raparigas-flores: ou sejam as ninfas dos encantamentos que em vão tentam perder e fascinar *Parsifal*. (Melhores no desenho que no proscentio, e no entanto ellas deviam espargir tambem flores de merecido aplauso publico sobre o regente *Guy*, o baritono *Mollinari*, *Baracchi*, *Camassi*, còros—e odorama a caminho do templo, que é uma sinfonia de còres lindas).

4. O Templo Santo *Grail*—encravado no tabernaculo do *Montsalvat*, r esistente a todos os poderes maleficos, irradiando a fé, mais que eyangelica, cristã. (Arbe, còr e ambiente).





A capela de Santo Antonio, um interessante monumento da arte antiga (1593) em Vila Real. (Cliché de Miguel Monteiro).

Vida da Sociedade

CASAMENTOS ELEGANTES...



Miss Lettice Mary Digby Cotes, filha unica do Rev.º e

Mrs. William Easturich Cotes, que brevemente se consorcio com o sr. H. dos Passos Freitas, da Real Sociedade de Geografia de Londres.

O sucesso elegante da semana foi o casamento do sr. D. Gonçalo de Melo Breyner, filho do sr. dr. D. Tomaz de Melo



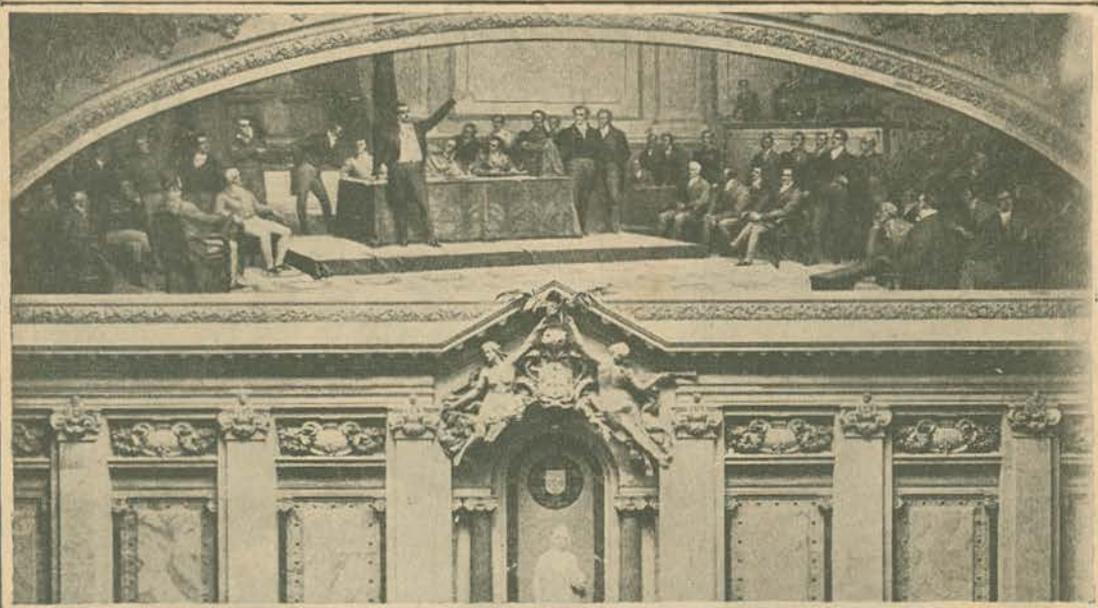
A sr.ª D. Julia de Castro e Almeida e o sr. D. Gonçalo Burnay de Melo Breyner, que se consorciaram na Igreja de Santa Isabel.



2 e 3 - Aspectos da assistencia elegante ao casamento do sr. D. Gonçalo de Melo Breyner com a sr.ª D. Julia de Castro e Almeida.



Breyner, com a sr.ª D. Julia de Castro e Almeida Realison-se na igreja de Santa Isabel e a ele concorreu tudo quanto de mais selecto existe na nossa sociedade. Tambem está justo o casamento de Miss Cotes com o sr. Humberto dos Passos Freitas, membro da Expedição Scientifica Portuguesa ao Pacifico e da Real Sociedade de Geografia de Londres.

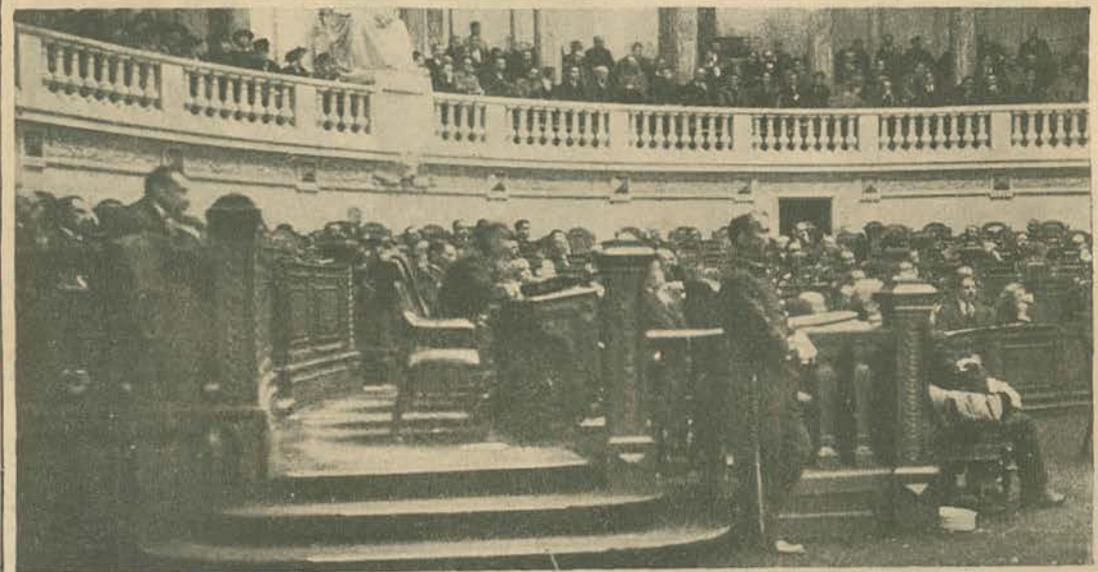


A SESSÃO HISTÓRICA DO CENTENÁRIO DAS CONSTITUENTES DE 1820



Na sala das sessões da Câmara dos Deputados realizou-se a sessão histórica comemorativa do centenário das Constituintes de 1820.

Estava já no seu lugar o «panneau» alegórico de Veloso Salgado e as seis estatuas decorativas que são: a «Constituição», a «Lei», a «Ju-



O «panneau» das Constituintes de 1820 já colocado no seu lugar.—Os srs. Alvaro de Castro e Antonio Granjo discursando. Um aspecto da sala na sessão histórica.



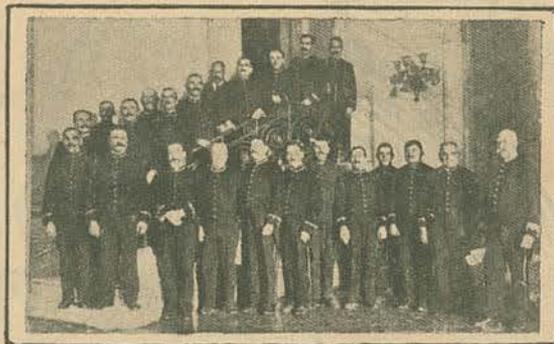
Alguns apontamentos tirados pelo nosso redactor artistico Rocha Vieira dos varios oradores da sessão comemorativa do centenario das Constituintes de 1820.



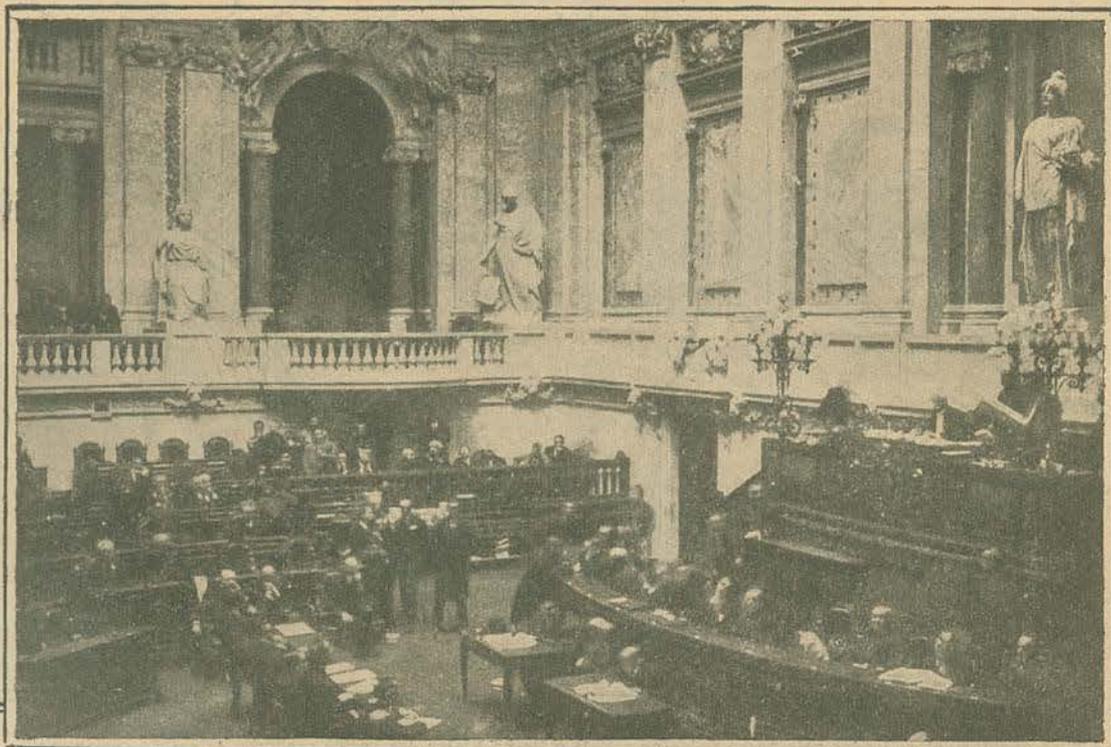
As estatuas da sala das sessões da Camara dos Deputados: a da «Constituição», por Simões d'Almeida (tio); a da «Lei», por Francisco Santos; a da «Jurisprudência», por Costa Mota; a da

«Eloquência», por Julio Vaz Junior; a da «Justiça», por Costa Mota (sobrinho) e a da «Diplomacia», por Maximiano Alves. (Nos medalhões os autores). — O pessoal menor do Parlamento.

«Jurisprudência», a «Eloquência», a «Justiça» e a «Diplomacia». N'essa sessão, depois do sr. Dr. Ramos Pereira ter lido a acta da sessão de 1812, pronunciaram discursos os srs: ministro da guerra, Dr. Anto-



nio Granjo, Celestino d'Almeida, Carlos Olavo, Vasco Borges, Vasco de Vasconcelos, Ladislau Batalha e Leonardo Coimbra. A sessão foi muito concorrida e a decoração da sala muito admirada.

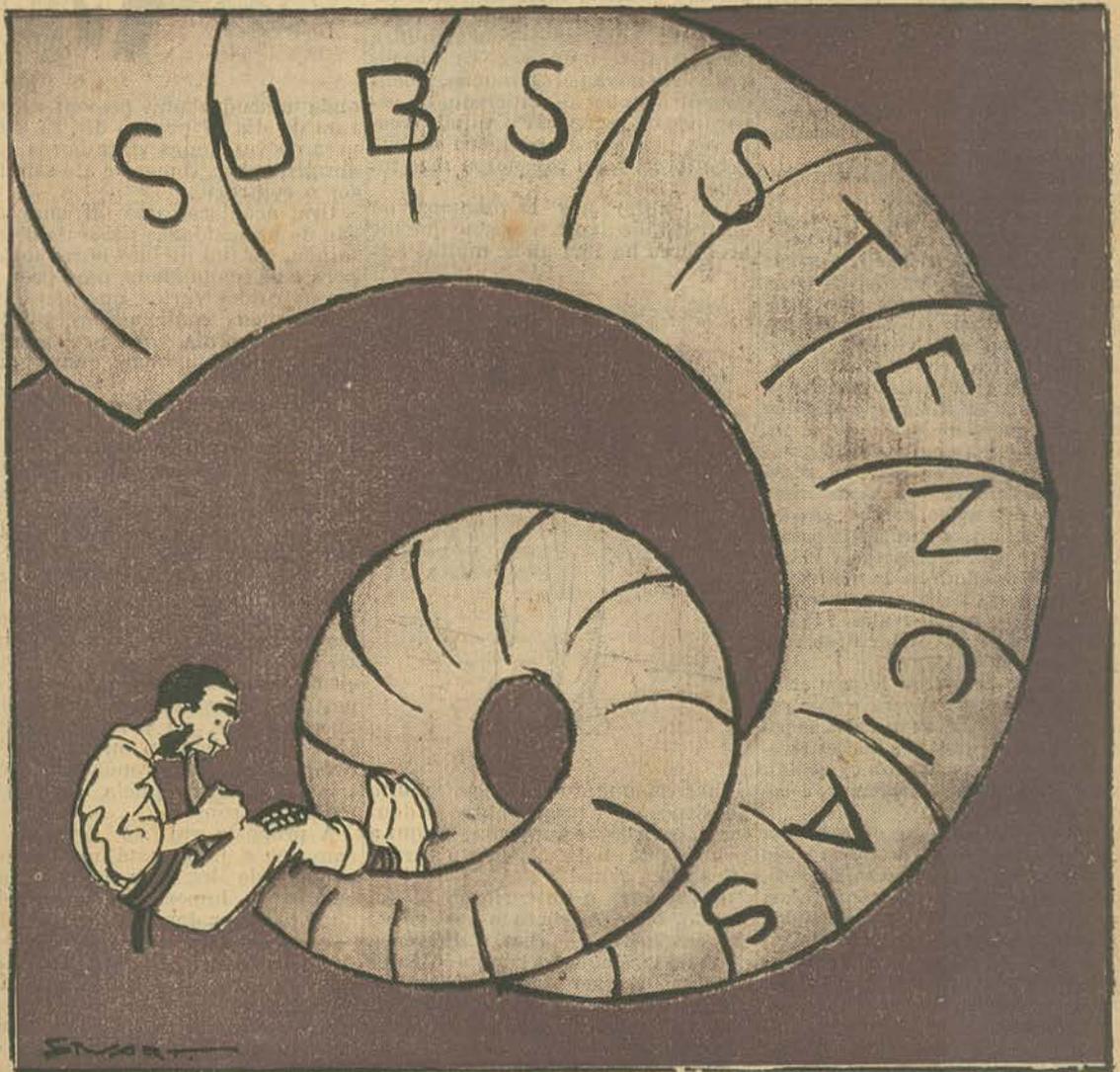


Aspecto da sala das sessões durante a leitura da acta das Constituintes de 1820.



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

CARNAVAL



Zé Chucha:
 — Este diabo está cada vez mais retorcido!



PALESTRA AMENA

Carnaval e pianos

Liga Pró-Moral

Os senhores sabiam que existe em Lisboa uma agremiação com o título de Liga Pró-Moral? Não sabiam, com toda a certeza e nós ainda agora viveríamos na mesma ignorância se não tivéssemos lido n'uma folha a notícia de que na sede da Academia Recreativa Leais Amigos, calçada de S. Vicente, 91, 1.º, aquela instituição realizou a sua quarta festa annual, com uma sessão solene e um sarau dramático.

Não duvidamos da boa vontade dos socios da Liga, que assim dão um exemplo muito para seguir, mas o que asseguramos é que a sua acção se encontra tão localisada que a não ver nas ruas dos ditos socios, onde podem exercer melhor a sua vigilancia, a moral em Lisboa é coisa que parece ter desaparecido de todo. Agora mesmo estamos ouvindo, debaixo da nossa janella, uma peixeira despejando um imoralissimo vocabulario, porque alguém lhe ofereceu apenas cincoenta escudos por uma dúzia de carapaus...

Mas não é aqui que queremos chegar; o ponto é muito outro.

Então que diabo de terra é esta, onde os particulares teem de formar ligas para defender a moral, como se não existissem leis, que proíbem as ponceas vergonhas e agentes para fazerem cumprir essas leis? Em tempos um estrangeiro, que visitava Lisboa pela primeira vez, ficou admiradissimo, ao entrar n'um electrico, por ver o letrado em que se diz que é proibido cuspir em qualquer parte do carro, «para evitar a propagação da tuberculose». — Pois é preciso escrever-se isto? disse-nos ele; pois os passageiros, se não fosse este aviso, com a ameaça da multa, cuspiriam realmente para o chão, para os bancos ou para as vidraças? E mais se admirou do motivo invocado por quem redigia a prevenção: — Para evitar a tuberculose?! Então, se não fosse para evitar a tuberculose, poder-se-ia cuspir?

E acrescentou varios comentarios acerca do asseio, do decoro e d'outras qualidades que possuem todos os povos civilisados, que tais noções recebem desde o berço e para os quais a afixação de tal aviso seria tomado como offensa grave.

Em tempos, alguém narrou com indignação um acto praticado pelo rei de Slam, quando foi nosso hospede, e que foi o seguinte: achando-se n'um camarote em S. Carlos, em companhia de membros da familia real deposta, escarrou para a plateia, sobre os espectadores que ali se amontoavam, com a maior semceremonia, sem lhes lançar um olhar...

Pois não ha que censurar. O monarcha siamez procedeu segundo os seus habitos, como imperante que não considera o resto da humanidade de mais respeito do que um escarrador — e não fez peor figura de que as pessoas que,

para não cuspirem ostensivamente e para sitios improprios, necessitam de que as previnam, invocando-se motivos de salvação publica e intimidando com multas.

Uma cidade onde é necessario que se formem ligas pró-moral não está muito superior a Bangkok, antes pelo contrario.

J. Neutral.

Partido cristão

Acabamos por onde deviamos ter começado. Vê-se que Homem Cristo — o glorioso Cristo feito Homem — se resolveu, finalmente, a criar um partido politico, farto de ouvir baboseiras lá no Céu, onde as vezes d'alguns politicos — poucos-nun a chegam. Desceu das regiões celestes e elle em nova peregrinação, a conquistar adeptos ao seu credo, na esperança de regenerar o mundo d'esta vez, pois que da primeira em que se lembrou de tal regenerou mas foi umas tranas.

Ou muito nos enganamos ou acontece-lhe agora o mesmo que lhe aconteceu ha 1921 anos: muitas fes-



tinhas emquanto criança, muita admiração por prégar entre os doutores, em verdes anos, mas d'aqui a pouco está toda a gente a berrar «Crucifige eum!»

E vai para o Calvario que é um regalo, onde receberá o castigo de ser entremetido — com a differença que não terá agora a companhia dos ladrões, porque deram todos em açambarcadores e não ha autoridade que se atreva a prendel-os quanto mais a crucifical-os.

Se ele fizer o milagre de multiplicar os pães e os peixes, já é caso para darmos os parabens uns aos outros, com a segunda vinda do Messias.

Se no Carnaval não nos perdoarem uma porcariasinha é porque são de muito má boca...

Já sabem que as bichas que ultimamente mais teem dado que falar são as que se formaram, durante os ultimos dias de Janeiro, ás portas das tesourarias das repartições de finanças, para o pagamento da harmoniosissima contribuição de pianos.

Pois vamos contar-lhes, a proposito, o que aconteceu na repartição da rua de S. Francisco de Paula,



onde umas duzentas pessoas estiveram do dia 27 para o dia 28 á espera de vez, umas vinte horas sem dormir, beber, comer — e até sem fazer o contrario.

Ora, aconteceu que tal compressão de necessidades naturais determinou, no fim de oito horas de espera e de imobildade, uma orquestra de ruidos varios, que não eram queixas dos contribuintes, porque não eram orais, mas prolongadas notas, umas agudas, outras graves...

Houve risinhos, a principio, depois, a acompanhar a citada orquestra, começaram os comentarios:

— Lá vai para quem se lembrou da contribuição!

— Este é para o cobrador!

— Este é para quem me faz estar tanto tempo á espera!

— Este é para o raio que os parta a todos!

...A ponto da coisa se ouvir dentro da tesouraria e d'um funcionario vir á porta averiguar que especie de filarmónica era aquela. A resposta foi um concertante inspiradissimo, aberta e que, na primeira pausa, simo, que o homem ouviu de boca o fez pensar em propôr nova contribuição para aquella especie de ruidos ou sons.

A proposta vai ser presente ás camaras e já se está redigindo o projecto de lei, que só declarará isentos de imposto os tais ruidos quando dados depois da meia noite.

Aí, valentes!

Um periodico, noticiando a grande paudega que foi o domingo magro em Lisboa, diz que nos bailes dos teatros se dançou «com coragem».

Efectivamente, só quem tiver muita coragem pode dançar nos tempos que vão correndo...



Aqui é que hate o ponto

A Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro aprovou ha dias varias moções:

1.^a—Protestando contra a representação de peças estrangeiras em recitas de gala do teatro Nacional.

2.^a—Manifestando o seu pesar pelo desprestigio da arte nacional, causado pelas varias entidades que exploram os teatros do Estado.

3.^a—Censurando o desrespeito ao teatro Nacional, para com os autores e mais profissionais do teatro português.

4.^a—Idem, quanto a S. Carlos, para com os compositores.

Ora tudo isto tinha remedio pronto:

1.^o—Transferir o «Barro em pé», do Apolo para o Nacional.

2.^o—Transferir o Luiz Galhardo para o Colisen e o dr. Pontes para o Nacional.

3.^o—Prejudicando, com a solução da 2.^a parte.

4.^o—Contratar o «maestro» Lezard, autor da musica do «Az», para fazer uma opera para S. Carlos, inspirada no assobio do dito Luiz Galhardo.

Temos di'o.

Por onde começa a haixa

Entre nós, a baixa dos preços começou... sabem onde? Na Moita, por mais estranho que pareça. Lá nos diz o «Jornal»:

«O administrador da Moita officiu



o chefe do distrito comunicando-lhe ter ali diminuido o custo da vida, dando, para exemplo, a baixa de 20 centavos no quillo da carne e de 6 no do carvão, de que ha abundancia».

E' escusado dizer que logo que a noticia se espalhou no paiz, começou a emigração para a Moita, onde em breve não houve casas, mantimentos, nem nada que chegasse para os muitos milhares de pessoas que para ali se dirigiram, despovoando-se o resto do paiz, pela melgueira de paparem carne a menos dois tostões e de se aquecerem a preço modico.

Era de ver a alegria das recém-chegadas á Moita, cantando em côro:

São tão bonitas
As carvoeiras,
São tão castitas
As feticelras, etc.

O diabo é que a concorrência, segundo, uma lei económica — e nem era

precisa a lei para coisa nenhuma — produziu primeiro o efeito da carestia, maior do que d'antes, e depois o desaparecimento, a que nos referimos, dos generos.

A estas horas a Moita está-se des- congestionando.

Excepções

Ora quem havia de dizer que nas altas regiões policiaes o amor pela musica era tan o que até obrigava a alteração das posturas! Por causa da representação do «Parsifal», em S. Carlos, querem saber o que se faz? Permite-se que os carros electricos andem pela rua até adelantadas horas da noite...

Segreda-nos alguém outra hipotese, que não a que aventamos — e vem a ser que sendo a Republica acusada de abrigar no seio muita gente grosseira e re-



fractario ás artes e ás sciencias, o que o camarada Augusto desmente com o seu aplaudido dedilhar na banza amiga, a gente da governança quer assim mostrar que é apreciadora de Wagner e que compreende a necessidade dos ovintres de S. Carlos, depois da estopada do «Parsifal», não apanharem umas calças até casa.

EM FOCO

O Bacalhau



*D'antes, ao terminar o doido entrudo,
Reinava o bacalhau no nosso prato;
O jejua ficava-nos barato
E aquilo com azeite era um veludo.*

*Veiu a guerra, porém, e mudou tudo,
Ou antes, veiu a paz e o que é exato
E' que mais vale a gente comer pato,
Saboroso falsão, perú moncudo!*

*Hontem, ao receber o vencimento,
(Quatrocentos mil reis, coisa mesquinha)
N'um botequim da rua de São Bento*

*Pedi, por esse preço, uma postinha
E o rapaz, a sorrir do atrevimento,
Trouxe-me o rabo apenas e uma espinha*

BELMIRO

Será este o motivo? Não dizemos que sim, nem que não. Ha gente capaz de tudo.

Logares selectos

CANÇÕES DO MEIO DIA

(De D. Branca de Gonta Colaço)

Nenhuma data me importa
Se a não marca a tua mão,
Parando o meu coração
Por bater á minha porta!

De Matinas a Trindade:
Meu amor, por mais que eu tente,
Não ha sol que me acalente,
Tenho saudades, saudades...

De balde para entreter-me
Frequento a festa luzida
Que cheiro está dando a vida
Por esses jardins! Ao vêr-me

Começa logo o adecrim
Perfumando o meu caminho
«Sem apanhar um ranhinho
Não has de passar por mim...»

E esfolhando-se a tremer
Sobre as relvas orvalhadas
Outras florinhas nevadas
Acrecentam:—«Bem me quer...»

Chiego aos amores perfeltos
E penso vêr anhelante
Uma pleiade gigante
A sonhar insatisfeitos,

Esperando aglomerados,
N'uma incançavel porfia,
Vêr-te passar algum dia...
—Como os meus olhos, coitadost...

A vista polo n'um ramo
De roseiras: capitosas,
Córadas, frescas as rosas
Lembram-me os labios que eu amo!

E assim vou pelos canteiros
Como viaja um doente,
Que no anelo inconsequente
Dos seus dias derradeiros

Julga sempre melhorar
N'outra estação da viagem
E em cada nova paragem
Desiste de se curar!...

DISFARCES



No baile de mascaras. A nova rica:

— Ail Mas porque foi que o cava'he'ro me conheceu?

— Pelo fato. Era o que a menina trazia quando andava na venda do peixe...